

## PESQUISAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

## Rio, capital do saber

Cidade sedia Fórum Mundial de Ciência, que acontece pela primeira vez fora da Europa

CESAR BAIMA  
cesar.baima@oglobo.com.br

A partir deste domingo e até a próxima quarta-feira o Rio de Janeiro vai se transformar na capital global da ciência. Neste período, a cidade vai receber mais de 700 pesquisadores e representantes de 120 países que participarão do 6º Fórum Mundial de Ciências, pela primeira vez realizado fora da Europa. Com o tema “Ciência para o desenvolvimento global sustentável”, o evento — que serve como uma plataforma de debates sobre as políticas nacionais e internacionais de pesquisa, sua relevância social e como podem ajudar a solucionar alguns dos maiores problemas da Terra — busca dar continuidade às discussões da Rio+20, dele resultando um documento com recomendações sobre o futuro da produção científica.

— Não é possível, por exemplo, ter desenvolvimento sustentável enquanto tivermos pobreza extrema. É preciso que estejamos mais empenhados na erradicação da pobreza, sendo a inclusão um fator fundamental para o desenvolvimento sustentável — lembra o matemático Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), organizadora do encontro, que tem apoio e parceria da Academia de Ciências da Hungria, idealizadora e anfitriã de todos os fóruns anteriores, realizados em Budapeste; da Unesco; do Conselho Internacional para a Ciência; da Associação Americana para o Progresso da Ciência; e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

## DIPLOMACIA DA CIÊNCIA

Opinião parecida tem Sergio E. Moreira Lima, ex-embaixador do Brasil em Budapeste e atual diretor do Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais:

— A diplomacia da ciência vem adquirindo crescente importância como instrumento da comunidade internacional para enfrentar os graves desafios da redução da pobreza, da inclusão social, do desenvolvimento sustentável, da segurança alimentar, da diversificação das fontes de energia, do combate às endemias e outras questões de saúde pública, do desarmamento e, até mesmo, da go-

vernança. São críticos, nesse processo, valores científicos como a racionalidade, a transparência e a universalidade

## PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Neste sentido, Palis adiantou dois assuntos que deverão ser destacados no documento final do fórum: estratégias para valorizar e aumentar a participação das mulheres na ciência, tecnologia e inovação e recomendações voltadas para o avanço dos países emergentes e em desenvolvimento na área. Outra ideia é estimular a publicação de artigos científicos em plataformas de acesso aberto nos moldes do SciELO. Criado no fim dos anos 90 no Brasil, o SciELO se expandiu para outros países da América Latina e Caribe, além de África do Sul, Espanha e Portugal, e recentemente passou a fazer parte da Web of Knowledge, serviço que contabiliza e indexa citações de artigos científicos, abrangendo mais de um século de pesquisas publicadas em 24 mil periódicos.

Um legado esperado da realização do fórum no Rio é dar maior visibilidade à ciência brasileira. Palis destaca, por exemplo, que ainda são poucas as empresas brasileiras que investem em pesquisa e desenvolvimento próprios, o que dificulta o surgimento de inovações e sua aplicação em produtos e processos.

— É preciso agregar valor a nossos produtos, se não vamos ser para sempre um país de commodities — diz. — E para isso, precisamos de mais cientistas dentro das empresas fazendo pesquisa e desenvolvimento.

Assim, conta Palis, a ABC e outras instituições lutam para aprovar no Congresso um novo marco legal para a ciência, tecnologia e inovação no Brasil, com um conjunto de leis facilitando a reduzindo a burocracia e custos para a compra de equipamentos e insumos usados em pesquisas.

— Precisamos tratar pesquisas e tecnologia de forma diferente, por exemplo, da construção de um prédio, dentro de parâmetros compatíveis com a peculiaridade da produção científica — defende. — Além disso, para a cultura e outras atividades há incentivos fiscais, mas para a ciência e tecnologia não. Isso não faz sentido. ●



Jacob Palis. Presidente da Academia Brasileira de Ciências será o anfitrião do encontro

## Destques

## Alan Leshner

Doutor em psicologia fisiológica e presidente da Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS), mediará o debate “Política científica e governança: inventando o futuro”.

## Marcia McNutt

Editora-chefe da revista “Science”, um dos mais prestigiosos periódicos científicos do mundo, editado pela AAAS, a geofísica participa da mesa “Ciência para os recursos naturais”.

## Dan Bitan e Hasan Dweik

O israelense Bitan e o palestino Dweik, que dividem a direção da Organização Científica Israel-Palestina, acreditam que a linguagem universal da ciência deve ser fator importante na aproximação entre os dois povos e serão os destaques do debate “Diplomacia científica”.

## Ricardo Paes e Barros

Secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência, o engenheiro, matemático e economista vai falar no painel “Desigualdades como barreiras para a sustentabilidade global”.

## Adalberto Val

Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o biólogo encabeça a mesa “Amazônia, biodiversidade e desenvolvimento sustentável”.

## Paulo Beirão

Coordenador do Conselho Global de Pesquisas, participará do debate “Integridade científica”, que vai abordar, entre outros assuntos, a ética e o uso de animais em laboratórios.

## ONGs se retiram da COP-19 em protesto contra falta de avanços

## Organizações culpam lobby do carvão por fracasso nas negociações

MARIA CLARA SERRA  
maria.serra@oglobo.com.br

As discussões sobre as mudanças climáticas se arrastam há 19 anos, e um acúmulo de frustrações parece ter feito os maiores incentivadores de um acordo climático atingirem seu limite. Na tarde de ontem, algumas das ONGs mais importantes do mundo se retiraram do debate alegando que os exaustivos dez dias da Conferência do Clima na Polônia não levariam a lugar nenhum enquanto o forte lobby das indústrias de combustíveis fósseis continuasse a barrar os esforços em vistas de um acordo.

— Quando chegamos na última semana, a tendência é que os ânimos estejam bastante acirrados — explica a observadora das negociações climáticas do Instituto Vitae Civilis, Silva Dias, que está na Polônia. — No entanto, o que diferencia essa conferência das outras é que não temos confiança na presidência, e o estágio das negociações está bem distante do que a gente precisa.

A demissão do Ministro do Meio Ambiente polonês, Martin Korolec, que preside a conferência, a realização concomitante da conferência internacional das indústrias do carvão e a posição contraproducente da Polônia na semana



Protesto das ONGs. Mais de 800 pessoas marcham em Varsóvia contra a falta de compromisso dos negociadores

## Números

63%

## DAS EMISSÕES DE CO2

Provêm de apenas 90 empresas ligadas à produção de gás, petróleo ou carvão

90%

## DA ENERGIA DA POLÔNIA

É gerada pela queima do carvão

36 BI

## DE TONELADAS DE CO2

Foram emitidas esse ano, 2,1% a mais do que em 2012

2,3 MI

## DE KM² DE FLORESTAS

Foram destruídas no mundo nos últimos 12 anos

100 BI

## DE DÓLARES

É o que os países desenvolvidos deveriam depositar por ano até 2020 para o Fundo do Clima

9 MI

## DE DÓLARES

Foram depositados até junho

decisiva de negociações foram os pontos mais criticados pelas organizações.

— Saímos da conferência em sinal de protesto. A intenção foi deixar uma mensagem clara para quem ficou de que se as pessoas que mais lutam por esse processo resolverem sair é que foi um basta — afirma Renata Camargo, coordenadora de políticas públicas do Greenpeace, também em Varsóvia. — Queremos que eles tomem atitudes imediatas. A nossa sensação é que nada vai sair, mas sempre ficamos com a esperança de que aos 45 do segundo tempo eles consigam fechar um texto que seja compatível.

Além do Vitae Civilis e do Greenpeace, WWF, ActionAid, International Climate, Oxfam, Amigos da Terra e organizações de países africanos, das Filipinas e da Bolívia deixaram a COP. Em entrevista coletiva no Palácio da Cultura e Ciência, sede do encontro, o ministro das Relações Exteriores, Luiz Alberto Figueiredo, afirmou que as ONGs “devem ter tido razões para se retirar”, e que “espera que elas continuem presente nesse processo que temos pela frente até 2015”, quando os países devem ratificar o segundo período de

compromissos do Protocolo de Kioto.

Na madrugada da última quarta, uma discussão acirrada sobre a implementação do mecanismo de Perdas e Danos e a falta de avanço na questão fez com que o G-77 e a China se retirassem da sala de reunião. O mecanismo é um dos pontos mais críticos de embate entre os países desenvolvidos e as nações em desenvolvimento, pois envolve ajuda financeira para

aqueles que sofrem com as alterações do clima.

— A questão das Perdas e Danos é muito importante e certamente deve ser parte do texto de 2015. Nós esperamos fazer progresso rápido nessa área e não vemos isso como ponto contrário à adaptação — afirmou Figueiredo. — Alguns dizem que se formos por esse caminho é porque já não podemos falar em mudanças. Prefiro

pensar que temos que ter ambição e trabalhar duro em termos de adaptação, mas precisamos apoiar os países que sofrem com essas perdas e danos.

A conferência está marcada para acabar amanhã, mas já há sinais de que ela pode se estender, já que funcionários do Palácio da Cultura e Ciência foram avisados de que, talvez, tenham que trabalhar até domingo. ●

“Se os que mais lutam resolverem sair é que foi um basta”

Renata Camargo  
Coordenadora de políticas públicas do Greenpeace